

9-XI - 1980

FOLHA DE S. PAULO



Puccini, autor da ópera que será apresentada hoje.

“La Rondine” entre o drama e a opereta

JOÃO CÂNCIO PÓVOA FILHO

Libretista (La Rondine, Il Tabarro, Turandot), amigo e biógrafo do autor de Tosca, Giuseppe Adami (1878-1946) possuía suficiente autoridade para afirmar que “houve um quarto de hora em que Puccini pensou em opereta”. As vésperas da 1.ª Guerra Mundial, o compositor já tinha em mãos o texto de “Il Tabarro”, mas é certo que Puccini, como assinala outro biógrafo, Richard Specht, não se interessava por assuntos políticos.

Indiretamente, o responsável por “La Rondine” (A Andorinha) — que a Sinfônica e o Coral Lírico Municipal apresentam hoje às 16 horas no Teatro Municipal — foi Tito Ricordi, que acabara de suceder seu pai Giulio à testa da Casa Ricordi. Tito e Giacomo não se entrosavam: o “danunzianismo” modernizante do jovem editor conflitava com a característica oitocentista do compositor. Na verdade, Puccini achava que Tito colocava todo o interesse da empresa em Ricardo Zandonai.

A crise desencadeia-se no começo de 1914, quando Puccini vai a Viena para prestigiar a montagem de “Tosca”, cantada pela célebre soprano Maria Jeritza; Tito, em Nápoles, para a “Francesca da Rimini”, de Zandonai, apenas envia um seu representante a Viena, aliás, obrigado a regressar antes da estréia de Tosca.

Ante o êxito de “Tosca” e animado pelo desejo de vingança, Puccini assina contrato milionário com editores austríacos para escrever uma opereta, com a condição de que alterações poderiam ser introduzidas pelo adaptador italiano.

A eclosão da Guerra Mundial, a entrada da Itália no conflito e a subsequente declaração de guerra à Austria (1915) fizeram com que Puccini abandonasse o trabalho, qual seja o de escrever uma opereta em moldes austríacos.

A neutralidade musical de Puccini passou a ser mal vista, e os poucos teatros que ainda funcionavam lhe fechavam as portas.

Mas, Adami ajudou o compositor a transformar “La Rondine” numa ópera, ópera leve, porém ópera, substituindo os diálogos por recitativos bem italianos, sob fundo orquestral.

“La Rondine” conta uma história bem próxima da “Traviata”; o libreto original trata o tema com leviandade, dentro de um cenário de espalhafatosa orgia, “fin-de-siècle”. Assim, não foi fácil conferir a esse melífluo esquema a feição de ópera em termos puccinianos, isto é, imprimir-lhe instantes de calor emocional. Mas, a habilidade de Puccini, de certa forma, superou o “handicap” e “La Rondine” resultou numa obra mista, num plano intermediário entre o drama e a opereta. Sobre a nova ópera, o próprio Puccini escreveu à sua amiga Sybil Seligman, em 1914: “É uma obra sentimental, com toques de comédia, límpida, fácil de cantar... uma espécie de reação à música repulsiva de hoje.”

Assim, “La Rondine” começa como “opereta vienense” mas acaba como “comédia musical italiana”, em que temos um Puccini diferente, de fôlego mais curto.

A estréia de “La Rondine”, por motivos óbvios, não se deu em qualquer dos grandes teatros da época, mas na Ópera de Monte Carlo, a 27 de março de 1917, com dois “monstros sagrados” da cena lírica: Gilda Dalla Rizza e Tito Schipa. Grande foi o êxito e Puccini, descoberto no camarote do Príncipe de Mônaco, foi ovacionado.

Mas a Andorinha não fez altos vôos. Ficou como episódio isolado, algo frustrante, no caminho do grande compositor, a cuja glória nada acrescentou.